



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da  
Irmandade de Nossa Senhora das Preces

Director e Editor  
P.º Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração  
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital  
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»  
Bairro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857



## O problema da água do Santuário

Em virtude de a nascente que abastece o Santuário ser bastante superficial, a água nestes meses de verão, especialmente Agosto, Setembro e Outubro, diminui consideravelmente, mas nunca faltou de todo. Embora pouca, ia chegando para embelezar o monumental fontenário e matar a sede aos peregrinos e turistas que diariamente visitam o Santuário.

De 1942 para cá, isto é, desde que os Serviços Florestais construíram na Santa Eufémia a casa do guarda, em certos dias e em muitas horas a água chega a faltar de todo, dando ao Santuário uma nota triste, desagradável.

Os peregrinos chegam e não têm água para beber, o fontenário transforma-se em fonte seca e os tanques e repuxos ficam à espera de melhores dias.

Quem tirar a água à Senhora das Preces tira-lhe a vida.

Quem lhe der abundância de água dá-lhe verdura, frescura, beleza, alegria, dá-lhe vida.

Está nas mãos do Ex.º Sr. Director Geral dos Serviços Florestais a resolução de tão crucial problema e não duvidamos de que Sua Ex.ª vai resolver o assunto para bem do Santuário e prestígio dos mesmos Serviços.

A exploração de mais água é necessária, urgente e fácil porque o monte é grande e tem bons sinais de água.

A presente situação não convém que se mantenha, pois é prejudicial para ambos os lados, mas pior para o Santuário que fica por baixo.

É possível aos Serviços Florestais fazer uma exploração de água privativa para os Serviços e é a melhor solução dum problema que é «questão de vida ou de morte» para o Santuário.

Para o Ex.º Sr. Director Geral vão as nossas súplicas e as nossas esperanças bem fundadas, na certeza de que serão ouvidas, atendidas, despachadas e muito em breve realizadas, para nossa tranquilidade e satisfação, alegria de todos os amigos do mais belo e antigo Santuário beirão e para honra do Estado Novo.

## SENHORA DO COLCURINHO

A subida era íngreme, duras as pedras do caminho...

O ar ia sendo cada vez mais fino, cada vez mais leve... As nuvens corriam vertiginosamente, pareciam por vezes desprender-se do próprio monte, como se fosse o Colcurinho a desfazer-se em espuma branca...

O silêncio das alturas, tomava-nos todos, entrava-me até ao fundo da alma, numa exigência cada vez maior... Já não há palavras que possam exprimir o que me vai na alma...

Lá em cima, diante dos meus olhos, a capelinha branca, ladeada do seu Cruzeiro, como um farol a chamar as almas para o alto...

De repente, sem saber porquê, a escalada que até ali fora apenas o gosto da subida, o encharcar a alma de beleza, tornou-se numa ascensão religiosa... As mãos que seguravam o bordão, uniam-se em prece, os olhos viam para além de toda a beleza que os enchia...

Senhora das Necessidades! Senhora do Colcurinho!...

Eu venho até Vós, na miséria do meu nada, mas trazendo sobre os ombros o doce peso das sedes, das fomes, das pobreza, de todos quantos ficaram lá em baixo!...

Trago-Vos as suas inquietações, para Vós aquietardes, as suas lágrimas, para Vós enxugardes, as suas esperanças para Vós vivificardes... Trago-Vos os fardos das suas vidas, para Vós aliviardes, Senhora!

Por eles eu quero subir ao alto da montanha, por eles eu quero amar e rezar, Senhora das Necessidades, Senhora do Colcurinho, Senhora das Alturas!...

MARIA TERESA

A capela do Colcurinho já brilha no cimo do monte, mas ainda não está pronta. Por dentro está tudo por fazer.

Esperamos as vossas esmolmas.

## O Santuário necessita e merece uma entrada condigna

Quem visita a Senhora das Preces, logo à entrada, dá com os olhos numa casa meia desmoronada e outra em ruínas. Aquela era a antiga casa da Administração e que foi necessário deitar abaixo por causa da estrada e dar passagem às grandes camionetas e autocarros; esta é a casa do púlpito, a mais antiga do Santuário, pois data do século 17, e que muito desejava ver restaurada.

O aspecto é deveras desagradável e urge tirar os restos da casa desmoronada e restaurar a casa do púlpito e fazer um arranjo à entrada do Santuário.

Para que fique serviço perfeito foi encarregado de fazer o respectivo projecto o engenheiro de Coimbra, Pinto Carmona, que por sua vez convidou o distinto arquitecto Edmundo Tavares, de Coimbra. O projecto já está feito, já o temos em nosso poder, aguardando a oportunidade de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Bispo Conde de Coimbra o introduzir no plano das obras diocesanas, a fim de se obter a participação do Estado.

O orçamento destes trabalhos — restauração da dita casa e arranjo da entrada — vai para cima de duzentos contos. Só a organização do projecto fica em dez contos, de mil escudos cada um.

O Santuário não tem possibili-

dades financeiras para se abalancar sozinho a uma obra destas, mas confia e espera que o Estado auxilie o que puder.

Mais uma vez esperamos que os olhos da Senhora das Preces façam o milagre.

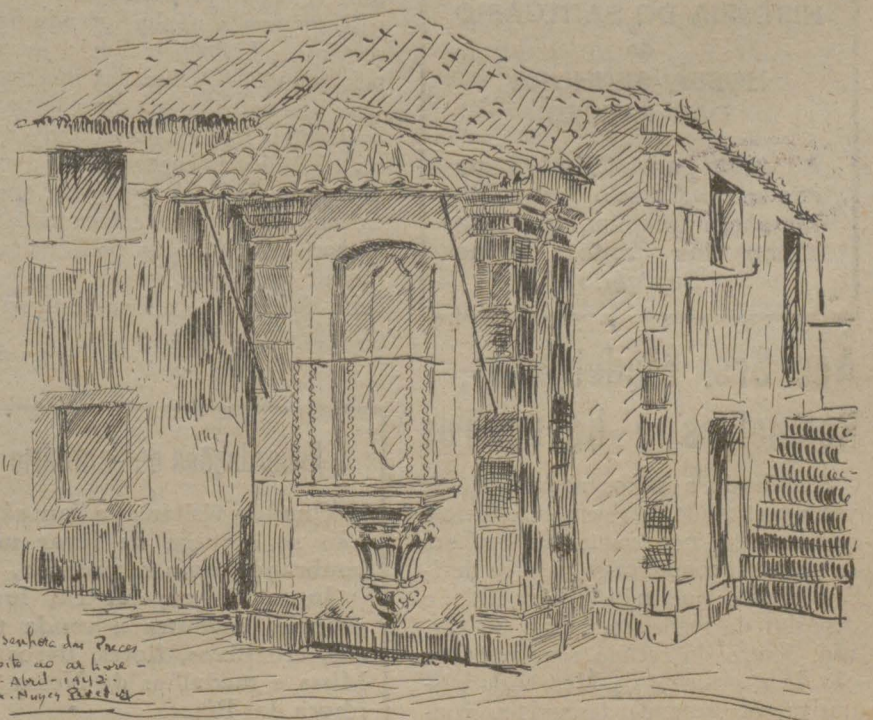
## SENHORA DAS PRECES

Os olhos inundados de beleza, o coração em prece, Senhora, nós Vos agradecemos toda a paz imensa que reina neste lugar a Ti especialmente consagrado.

Aqui queremos, com o Teu sorriso a iluminar-nos, encher as nossas almas de frescura, daquela frescura que não murcha nunca. Aqui queremos encher os nossos corações de paz, daquela Paz que nada perturba. Aqui queremos aprender contigo a simplicidade da Tua vida, nesta vida que nós procurámos simples. Aqui, Senhora, queremos viver em beleza e levar daqui esta claridade para nos iluminar a vida. Que nas horas sombrias, seja o Vosso olhar que nos dê alento.

Queremos, Senhora, que na nossa vida se reflectam estes dias aqui passados mais perto de Ti, aprendendo contigo a ter sempre a alma em prece e será certamente este o melhor obrigação que Te poderemos dar, Senhora das Preces.

UMA NOELISTA



Casa do púlpito, a mais antiga do Santuário e que urge ser restaurada

## A verdadeira felicidade

Um velho sábio, que havia encanecido no conhecimento dos homens e na experiência da vida; foi procurado um dia por um rapazinho muito novo, quase uma criança, que lhe falou desta maneira:

Ouçõ dizer que sois sábio, que conheceis tudo o que o mundo e a vida podem revelar, e desejo que me ensineis a vossa ciência, porque quero aprender a viver.

O sábio considerou com surpresa e espanto o rapazinho que assim falava, e ficou silencioso durante alguns momentos. Então, o pequeno insistiu:

— Vejo que não quereis ser meu mestre, e, como a vida é curta e eu não posso perder muito tempo, irei aprender noutra parte onde haja alguém mais solícito que me deseje ensinar.

O velho com uma grande mansidão e brandura na voz, sentou o pequeno a seu lado, e falou-lhe assim:

— Há mais de sessenta anos, parti sozinho de casa de meus pais, e fui correr mundo em busca da felicidade, que me diziam estar longe do lugar onde vivia. Atravessei cidades e aldeias, feri os pés nas duras pedras dos caminhos, a procurá-la sem cessar. Mas era novo, era alegre, tinha o passo ágil e os pulmões fortes. O pão mais seco do meu bernal parecia-me um manjar delicioso quando o comia com fome. Suportei os rigores da natureza e as injustiças dos homens. Chorei algumas vezes e pedi a Deus com veemência que me levasse. Mas não tinha cumprido na vida o meu fadário. A cada nova amargura, quando mais intensamente se me confrangia o coração, sentia, como um bem infinito de Deus, que a paciência me visitava. E em cada noite e em cada manhã, eu perguntava a mim mesmo, se ainda estaria muito distante o ambicionado lugar, onde devia encontrar-se comigo a felicidade: e uma voz íntima dizia-me sempre: — «Caminha mais um pouco, que há-de encontrá-la, por fim».

Lancei-me a trabalhar como um forçado; abri os seios da terra a procurar um tesouro, e era pouco mais que um mendigo. E, em cada noite, ajoelhando sobre o solo húmido, onde dormia, abençoava com resignação a minha miséria. Ao amanhecer, já eu estava preparado outra vez para a luta. Os campos enchiam-se de flores em cada primavera; o verão passava, calmoso e abraçador; vinha o outono, coberto de frutos; e, logo depois, chegava o

inverno, mais rude, mais violento e mais desabrido para os pobres.

— E a felicidade? continuava eu ansiosamente, a perguntar. Ninguém a tinha visto, nem me dava notícias dela.

Mas, certo dia, parei num casebre, faminto, cansado e quase doente. Deram-me de comer, perguntaram-me de onde vinha e a que terra me destinava. Conteí singelamente a minha história. Ouviram-me com curiosidade e ofereceram-me a casa por uns dias.

— Que ficasse, e que trabalhasse com eles, e o Senhor se lembraria de mim.

Conheci a paz, o amor e a alegria nessa casa.

Tomei conta da minha enxada, e revolvi e arei a terra para os servir. Mas, em cada noite, em cada manhã, obstinadamente, a mesma voz presaga me dizia:

— Ainda não cumpreste o teu fadário, e tens de seguir além, para encontrar a felicidade.

Parti de novo; erreí pelos caminhos desertos; feri os pés e as mãos nas sarças emaranhadas, a procurar a fortuna, em busca de ignorados tesouros, em demanda de uma felicidade ilusória. E as ambições faziam-me sofrer; e o procedimento dos homens fazia-me desesperar.

Em certo dia, parei à porta de uma cabana de ramos toscos, e vi um pobre eremita decrépito, quase esfarrapado, magro e esquelético, metido na sua túnica de burel, lendo absorvidamente o seu livro divino.

— Que estás a ler, bom velho? Que ciência ou que doutrina celeste encontras tu nesse livro, que tanto te prende a atenção? Deixas-me ler um bocado? E o velho acenou com a cabeça que sim, passando-me o livro para as mãos.

Então, pousei os olhos nas páginas abertas, e li estas palavras estranhas: «*Bemaventurados os que choram, porque eles serão consolados!*»

— Conheces a felicidade? — perguntei ansiosamente.

— A felicidade está em Deus. Confia nele e espera, respondeu o velho, com uma confiança, que me pareceu quase sobrenatural.

A tarde vinha caindo mansamente, em torno da cabana, viam-se bandos de pombas, esvoaçando; e já no céu, de um azul desmaiado, começavam a acender-se as primeiras estrelas.

Sentei-me junto do eremita, e pedi-lhe que me ensinasse o segredo da felicidade, que parecia conhecer tão bem na sua própria miséria.

Recomecei a minha jornada no dia seguinte. Trabalhei; lutei; jorndiei pelo mundo. Os homens mostraram-me, por vezes, a sua alma tortuosa e pequenina; mas eu passei a viver contente. A alegria encheu de luz a minha alma; e a lição de paciência que me ensinou aquele velho nunca mais pude esquecê-la. Só Deus pode marcar a nossa vida o seu roteiro; e a verdadeira felicidade em Deus está na alegria de conhecê-lo.

CELSE

### HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na «Casa do Castelo», em Oliveira do Hospital, na casa «Júlio dos Santos» e no Santuário

## Aos Srs. Madeireiros, Resineiros e Carvoeiros

Atendendo a certos abusos que se veem praticando pelas empresas acima mencionadas no recinto da Senhora das Preces, comunica-se para os devidos efeitos que não é permitido o depósito de madeiras, barris ou carvão, dentro do recinto sem autorização do Presidente da Mesa Administrativa sob pena de desagráveis consequências.

### Recordações do Santuário

Quando visitar este Santuário não se esqueça de levar uma lembrança, uma recordação.

Junto da capela, em lugar próprio, encontra à venda terços, crucifixos, flores, livros de Missa e medalhas de Nossa Senhora das Preces.

## Maneira de conservar o vinho

O vinho que se estraga nos tonéis volta ao seu normal, aplicando-lhe catorze gramas de ácido tartárico para cada cem litros de vinho.

Feita a reacção, o ácido carbónico desprende-se, desaparece, e o vinho fica perfeito.

O tártaro que se forma deposita-se no fundo do tonel. É preciso deixar este destapado para dar livre saída ao gaz que se forma.

## O CANTO DA TRISTEZA

Um lindo rouxinol passava o dia  
Por entre as folhas verdes do arvoredor;  
E o passarinho alegre assim vivia,  
Saltando das ramagens para o rochedo.

Cantava alegremente, com ternura,  
Nas matinas e noites de luar;  
Que encanto, Santo Deus, e que doçura  
Tinha, do rouxinol, o seu trinar!

E quando Apolo, em messes de harmonia,  
Detinha o camponês em oração,  
O rouxinol vibrava de alegria,  
Levava a brisa, sideral canção.

Assim vivia conquistando o espaço  
O rouxinol — alado cantador; —  
Até que um dia, foi cair no laço,  
O lindo filho da campina em flor.

E radiante, o caçador — criança —  
O lindo pássaro ao seu pai mostrou;  
Em estreita prisão o cativo lança  
Mudo e triste o cantor ali ficou.

Mas o paisinho que é bom e sisudo  
Disse ao filhinho: — cumpre a caridade;  
Não vês que tens o passarinho mudo?  
Definha e morre de cruel saudade!...

O pequeno, contente assim falou,  
Por ignorar que a liberdade é lei:  
— Mas... o meu passarinho já cantou  
E até comeu o alpista que eu lhe dei...

— Criança, — o teu bonito rouxinol,  
Esse filho da pródiga natureza,  
Esse trabalhador de sol a sol  
Cantou, sim! Foi o canto da tristeza!

Vai dar-lhe a liberdade que perdeu  
P'ra o teu gozo; não o tenhas na prisão.  
Filho, ele é mensageiro lá do Céu  
Que anima o cavador na solidão.

Foi dar a liberdade ao prisioneiro  
O jovem que ao paisinho obedeceu;  
E o rouxinol, poisado no salgueiro  
Com hinos de ventura agradeceu.

ANÍBAL MENDES

## DOIS GATOS E UM MACACO

Era uma vez uns gatos, dois bichanos maltezes, que por artes de rapinção haviam tirado um queijo a seu legítimo dono.

Mas ambos de acordo no furto, já não estiveram de acordo na partilha, motivo por que tomaram por juiz da contenda, um macaco, um destes macacões de rabo pelado com muita experiência da vida e muita ronha de ofício.

Convocado para sentenciar, o macaco disse:

— Isto quere-se feito com lisura e igualdade como manda a justiça! Tragam-me por isso umas balanças! A justiça sem balanças não trabalha!

Pegou num facalhão e partiu o queijo em duas metades aproximadas pôs cada uma delas em cada um dos pratos da balança.

Uma delas tinha, já se vê, certa diferença, e o prato da balança pendia para esse lado.

O macaco com uma dentada tirou esse acréscimo de peso, mas de tal forma que o prato da balança ficou a pender para o lado contrário.

Zás! uma dentada do outro lado fez

## Milagre de Santo António

Em Campo Sampietro, junto a Pádua, havia uma nogueira secular, à sombra da qual se abrigava S. António, nos derradeiros meses da sua vida, para gozar da fresca e aí fazer oração.

Depois da morte do Santo, os habitantes conservaram em grande veneração a velha nogueira, construindo, até, ao derredor, uma capelita graciosa. As folhas, por mercê de Deus, curavam muitos males. Mas a nogueira morreu. Os moradores viram, com pesar, o desaparecimento da milagrosa árvore, e, a tentar continuá-la, levaram pedaços da raiz que enterraram nos quintais e jardins; estes pedaços rebentaram e, como se conservassem a bênção do Santo, permanecem mortos, durante o mês de Abril e Maio, quando as outras árvores florescem.

Porém, ao chegar a manhã do dia 28 de Maio, o dia em que principia a trezena, aparecem os primeiros rebentos quase de repente, e na ocasião da festa — a treze de Junho — estão já tão verdes e frondosas como as outras árvores.

### 19-2 de Galizes

#### é o Telefone da Senhora das Preces

## Anedota

Estavam sentados à mesa Voltaire e vários de seus colegas. Ouviam-no estes falar contra a religião, mas notaram que, ao entrar a criada a servi-los, se calava o filósofo.

— Porque se cala? — perguntaram.

— Para que a minha criada não saiba que sou ateu.

— E para quê?

— Para que não deixe de crer em Deus.

— Mas a demovê-la de suas ideias, teria mais um prosélito...

— Demónio!... gritou. De que me serviria arrancar a fé à criada? Só se fosse para que, ao outro dia, me roubasse ou matasse.



## CAPELA DO COLCURINHO

Quando este número da «Voz do Santuário» chegar às vossas mãos, presados leitores, já a capelinha do Colcurinho se verá ao longe branquinha chamando a atenção das almas para as alturas.

O telhado já está pronto. Foi telha aramada que se empregou. Consultei mestres de obras, e engenheiros, segui as suas indicações e tudo se fez conforme as suas instruções. Uns queriam que lhe puzesse zinco, outros lusalite, só os engenheiros dos Serviços de Urbanização de Coimbra disseram que lhe colocasse telha aramada. O tempo e o vento dirão quem tinha razão.

Nestas últimas semanas o caminho do Colcurinho tem sido bastante pisado e trilhado e palmilhado pelos ranchos de raparigas que transportam telha, areia, tábuas, água e o mais que é preciso.

Os mansos e pachorrentos bois do Manuel do Casal, do Cipriano dos Santos e do Sr. Dr. José, de Alvoco lá vão subindo a encosta, de vagar mas sempre em frente. Os machos do Piodam também fazem parte da caravana e muito bons serviços têm prestado.

O pessoal, sempre com boa disposição e dedicação, lá vai aguentando as intempéries e as caminhadas, pois todos os dias sobe e desce a ladeira.

Mais quinze dias e a capelinha ficará pronta por fora, com portas e vidros. O arranjo por dentro terá que ficar para nova fase, quando houver mais esmolas e portanto mais dinheiro.

## Formatura em Medicina

Na Universidade de Coimbra concluiu há poucos dias a sua formatura em Medicina o nosso prezado amigo Dr. Vasco Gouveia Jorge Ramos, de Vila Cova do Alva.

Aluno distinto, obteve sempre boas classificações. Deus queira que seja muito feliz na sua nova vida. Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de parabéns.

## Maneira fácil e simples de pagar a «Voz do Santuário»

Vários leitores têm-nos perguntado como poderão enviar o dinheiro da sua assinatura: se em selos, se em vale do correio.

Em vale do correio, pagável em Oliveira do Hospital, pode vir, mas em selos não.

O mais fácil, o mais simples é pegar numa nota de 20\$00 e metê-la num envelope e enviá-la para cá. Muitos assinantes têm pago 20\$00 por um ano. Mas aqueles que pagam 10\$00 também podem enviar a nota de vinte para pagar o ano corrente e o passado, se estiverem em atraso, ou o corrente e o futuro, como já alguns fizeram e muito bem, para seu descanso e nosso. Candeia que vai à frente alumia duas vezes e a nota de 20\$00 dá mesmo no vinte.

A «Voz do Santuário» não faz cobrança pelo correio por ser custoso, dispendioso e dificultoso. A notinha de 20\$00 facilita e resolve todas as dificuldades.

Hoje tenho a registar apenas 20\$00 de Luciano Henriques, do Soito Marinho; 50\$00 de uma Senhora da Póvoa de Midões; 50\$00 de António José, de Vale de Maceira; 30\$00 de D. Ana Moura Hall, residente em Coimbra; 100\$00 do Sr. Higinio de Almeida Ruas, de Oliveira do Hospital e 500\$00 do Sr. Manuel da Cruz Barreto, de Cadima e residente no Brasil. Quem mais nos ajuda?

O dinheiro é pouco, as obras ficam caras, mas a capelinha branca com a sua singeleza e beleza, ficará a atestar aos vindouros a generosidade do povo da Beira e dos devotos de Nossa Senhora.

## Campo de Férias das Noelistas, na Senhora das Preces

Desde o dia 10 a 25 de Julho estiveram na Senhora das Preces a realizarem o seu Campo de Férias as Noelistas de Coimbra, Porto e Lisboa, num total de 57 raparigas.

Os trabalhos foram superiormente orientados pelas Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Maria Teresa Navarro e D. Maria Antónia Homem de Melo, ambas de Lisboa e os serviços de organização estiveram a cargo da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Penalva da Rocha, de Coimbra.

Todas as noelistas passaram agradávelmente os dias na mais perfeita harmonia e em convívio alegre e espírito cristão, levando saudades do Santuário que desconheciam e onde agora lhes ficou o coração.

Algumas deixaram escritas as suas impressões que serão publicadas no próximo número, sendo publicados neste três artigos que muito agradecemos.

## Estrada do Piodam e Colcurinho

Os trabalhos da abertura da estrada em direcção ao Piodam e Colcurinho continuam em ritmo acelerado. Cerca de 120 trabalhadores diariamente andam na faina de rasgar a terra para levarem ao Piodam um pouco de progresso e comodidade. Os trabalhos já andam junto à capela de Santa Eufémia.

Segundo o projecto que foi aprovado e andam a executar a estrada desvia-se para o lado nascente em direcção ao Chão Sobral.

O Piodam ficava mais bem ser-

## Juramento de Bandeira

No dia 29 de Julho realizou-se o tradicional juramento de bandeira de 12.500 soldados das unidades de Lisboa.

Assistiram vários ministros e muitos milhares de pessoas. Houve missa campal na Amadora celebrada pelo Sr. Arcebispo de Mitilene, Dr. Trindade Salgueiro.

Antes do juramento, o Sr. Governador Militar de Lisboa proferiu um patriótico discurso do qual destacamos o seguinte passo:

«O Exército aparece-nos, assim, como o melhor defensor dos grandes princípios morais da Humanidade.

Na Paz, é garantia duma continuidade serena; na guerra, esperança duma vitória gloriosa. A Família é protegida, na sua integridade moral, a Pátria glorificada, pelo sangue dos heróis; e Deus é desagradado na fé combativa dos nossos soldados.

Por isso não se estranhe que as virtudes militares encontrem nas forças morais a vontade firme de vencer e a coragem reflectida e consciente.

A nossa história traz-nos as mais belas lições de compreensão do dever: o homem sacrifica-se pela Família, a Família dá-se à Pátria; a Pátria consagra-se a Deus.

Soldados, sede afeiçoados e respeitosos para com a família, devotos servidores da Pátria, tementes a Deus, Sede dignos de Portugal.»

## AVISO

Pede-se a todas as pessoas que vêm cumprir as suas promessas o favor de deixarem escritos os seus nomes e o valor das suas promessas para serem publicados na «Voz do Santuário».

## Colónias de Férias do C. A. D. C.

Os estudantes do C. A. D. C. de Coimbra que desde o dia 25 de Julho aqui estiveram, retiraram já para as suas terras. Eram acompanhados pelo Sr. P.<sup>o</sup> Póvoa dos Reis e pelo Sr. Dr. Urbano Duarte.

Retiraram, levando saudades dos dias aqui bem passados neste recanto aprazível e acolhedor, respirando o ar puro das montanhas e enchendo a alma de vida espiritual que irradia do Santuário.

## Excursões

O Santuário da Senhora das Preces tem sido ultimamente muito visitado, todos os dias e especialmente aos domingos.

No dia 29 de Julho veio aqui uma excursão de Coimbra presidida pelo nosso bom amigo P.<sup>o</sup> António Augusto Afonso, muito digno Prior de S. Bartolomeu, de Coimbra, e no dia 30 foi a Senhora das Preces visitada por uma excursão de Lisboa, de que fazia parte o nosso bom amigo e grande bairrista sr. António Guilherme dos Santos, residente em Lisboa.

## Cumprimento de promessas

O Sr. João Lourenço, de Aldeia das Dez e residente em Lisboa, entregou-nos 100\$00 para a Nossa Senhora das Necessidades em cumprimento de uma promessa.

O Sr. Francisco Duarte, da Venda das Figueiras, Coimbra, teve a bondade de enviar uma linda toalha de linho para o altar de Nossa Senhora das Preces.

Muito agradecemos e que Nossa Senhora lhe pague com as suas bênçãos celestiais.

— A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Emília Jorge Gouveia Ramos, de Vila Cova de Alva, enviou-nos 50\$00 para uma pedra para a capelinha do Colcurinho, em cumprimento de uma promessa e como testemunho de gratidão pela alta classificação, 16 valores, que obteve na sua formatura o seu filho, Dr. Vasco Gouveia Jorge Ramos.

Que Nossa Senhora continue a ouvir os seus pedidos.

## Várias notícias

Em Coimbra um grande incêndio destruiu a fábrica de serração junto à ponte de Santa Clara.

Os prejuízos estão avaliados em mais de mil contos.

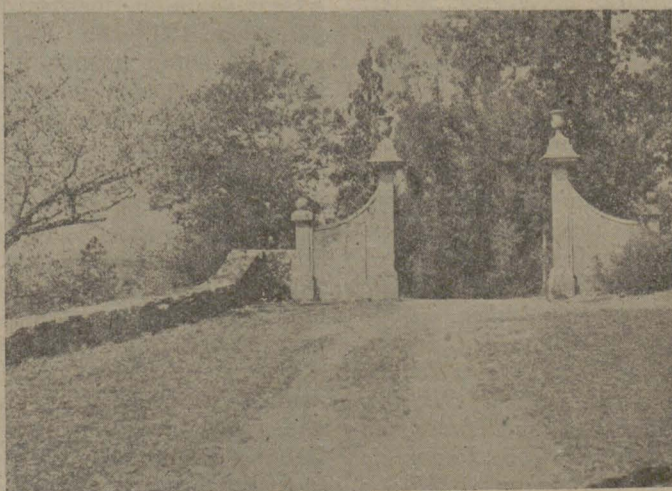
— Na cidade de Tomar, no dia 30, realizou-se a primeira manifestação de simpatia e respeito pelo Sr. General Craveiro Lopes na sua qualidade de Presidente designado pela Nação.

A guarnição militar desta cidade, da qual era o comandante, fez-lhe a entrega das cinco estrelas das insignias presidenciais.

Nesta mesma solenidade foi-lhe feita a entrega da espada de honra que pertenceu ao seu ilustre pai, também General Craveiro Lopes.

— Em 1930 houve em Portugal 211.682 nascimentos, 65.244 casamentos e 102.798 falecimentos.

— Em S. Gião vão realizar-se grandes festejos nos dias 18 e 19 do corrente mês e no dia 26 realiza-se a tradicional festa em honra do Senhor dos Aflitos, que é muito concorrida.



Entrada do lado do norte do Santuário onde principiaram os trabalhos da estrada para o Colcurinho